

## Entre violências e resistências: escrevivências de gênero com jovens pesquisadores

Mayara Ruth Nishiyama Soares<sup>1</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2668-8822>

Luciana Lobo Miranda<sup>2</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7838-8098>

Marta Clarice Nascimento Oliveira<sup>3</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3720-1418>

Alanna Maria da Silva Sousa<sup>4</sup>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1827-4887>

### Resumo

Este artigo discute uma experiência de pesquisa sobre gênero e escola realizada com estudantes de uma escola pública periférica em Fortaleza/CE. Trata-se de uma Pesquisa-Inter(in)venção, aliada ao PesquisarCOM, tendo por forma de registro a Escrevivência. Se dá com base na experiência de um grupo de jovens pesquisadoras/es formado por estudantes secundaristas moradores da periferia em questão e universitárias. A partir das discussões, nos resultados a disputa em torno da ideologia de gênero apareceu transversal à experiência da pesquisa, habitando o cotidiano da escola produzindo práticas reguladoras que objetivam identidades coerentes com uma matriz de normas compulsoriamente heterossexuais. Em contraponto, neste mesmo território escolar, insurgem potências de existir frente às forças mortificantes já localizadas. Assim, conclui-se que o movimento antigênero produz um cenário violento a corpos dissidentes da norma cisheteropatriarcal, e, em meio a isso, insurgem, também, processos de resistências no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** gênero; escola pública; escrevivência.

### Abstract

This article discusses a research experience on gender and school carried out with students from a peripheral public school in Fortaleza, Ceará. It is an Inter(in)vention-Research, allied to PesquisaCOM, with Escrevivência as its form of recording. It is based on the experience of a group of young researchers made up of secondary school students from the periphery in question and university students. Based on the discussions, the results show that the dispute over gender ideology is transversal to the research experience, inhabiting the daily life of the school and producing regulatory practices that aim for identities that are coherent with a matrix of compulsorily heterosexual norms. On the other hand, in this same school territory, the power to exist emerges in the face of the mortifying forces already in place. Thus, we conclude that the anti-gender movement produces a violent scenario for bodies that dissent from the cisheteropatriarchal norm and, in the midst of this, processes of resistance also emerge in everyday school life.

**Keywords:** gender; public schools; writing-living.

Citação: SOARES, Mayara Ruth Nishiyama, et al. Entre violências e resistências: escrevivências de gênero com jovens pesquisadores. *Revista Estudos Aplicados em Educação*, v. 9, e20249573, 2024. DOI <https://doi.org/10.13037/reae.vol9.e20249573>

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia pela Universidade Formação. Professora Substituta na Universidade Estadual do Ceará. Ceará – Brasil. [mayararnishiyama@gmail.com](mailto:mayararnishiyama@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. Professora Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Ceará – Brasil. [lobo.lu@uol.com.br](mailto:lobo.lu@uol.com.br)

<sup>3</sup> Psicóloga. Universidade Federal do Ceará. Ceará – Brasil. [psimartaclarice@gmail.com](mailto:psimartaclarice@gmail.com)

<sup>4</sup> Psicóloga. Universidade Federal do Ceará. Ceará – Brasil. [alannamariadss@alu.ufc.br](mailto:alannamariadss@alu.ufc.br)



## 1 Introdução

O artigo em questão se constrói nas intersecções entre gênero e educação, tecendo, no encontro entre a escola, a arte e os sujeitos, um olhar que se atenta aos dispositivos de violência, exclusão e silenciamento a que essas corporeidades estão submetidas, bem como às práticas de resistência que são constituídas dentro e fora da instituição escolar. Nosso problema de pesquisa tem discutido como jovens pesquisadoras/es enunciam as questões de gênero que atravessam e/ou são produzidas em seu cotidiano escolar. O grupo de pesquisadoras/es, formado por estudantes de pós-graduação, graduação em Psicologia e Ensino Médio de escola pública, teve como principal estratégia de pesquisa a escriturização acerca das questões de gênero na tessitura escolar.

Apostamos no deslocamento de uma lente que vai do sujeito para os modos de subjetivação, como efeito de contingências históricas, sociais, políticas e culturais que a perspectiva pós-estruturalista embasa nessa inserção (Miranda, 2005). Tendo isso em vista, o espaço educacional abarca uma rede de poderes caracterizada como uma instituição movida pelo poder disciplinar. Para Foucault (1987), esta forma de poder funciona de modo simples e tem como função maior adestrar, produzindo corpos dóceis. É um poder modesto, que funciona de modo calculado, mas contínuo, e que deve seu sucesso ao uso de três instrumentos: o olhar hierárquico, que funciona como modo de vigilância e fiscalização; a sanção normalizadora, que pune e produz formas de assujeitamento; e o exame, o qual combina os outros dois instrumentos, pois se caracteriza por uma vigilância que possibilita “qualificar, classificar e punir” (Foucault, 1987, p. 164). Essa metodização traduz identidades compostas e produzidas por relações sociais, que são moldadas pelas redes de poder da sociedade, que direcionam, por um lado, o indivíduo à homogeneidade, mas, em contrapartida, por outro, também o individualizam, como meio de medir os desvios, indicar os níveis e fixar as especialidades (Foucault, 1987).

Na contemporaneidade, podemos pensar na emergência de reatualizações desse poder a partir das relações travadas hoje, em que são produzidos discursos reguladores e processos de normatização, fazendo com que determinadas corporeidades que não se enquadram nessa norma disciplinada se tornem corpos abjetos (Butler, 2019). Essa produção é embasada por processos de construção de identidades sociais, seja de gênero, seja de sexualidade, seja de classe, seja de raça, que se dão por meio da diferenciação e que devem ser compreendidos de maneira contextualizada (Butler, 2003). O conceito de corpo abjeto vai ao encontro dos corpos que habitam este artigo, produzindo inquietação ao observarmos a formulação que se engendra a partir da negação desses corpos, vistos como fora da norma. Logo, para que algumas vidas sejam passíveis de serem vividas em suas plenitudes, outras são mortificadas. O corpo que dissida pode ser lido, sobretudo, como um corpo que é colocado à margem de maneira estratégica para que a norma vigore e elimine aquilo que dela destoa. Pode-se compreender que o abjeto é o sujeito que permeia os espaços “não habitáveis” da vida social, sendo ininteligível, desprezível e desconsiderado diante de sua existência (Butler, 2019), e é essa artilosidade que se atualiza nos moldes contemporâneos de controle e individualização da vida, produzindo, no território educacional, um cenário volátil de construção de modos de subjetivação que nos interessa nesta narrativa.

Quando estes corpos são considerados abjetos por questões relacionadas à sexualidade ou ao gênero, há toda uma trama política conservadora que, no Brasil, entra em disputa com base no conceito de “ideologia de gênero”, muito difundido no território educacional. Isso tem afetado desde documentos e normativas balizadoras da educação até o cotidiano das escolas. Algumas controvérsias começam a imperar no Ceará, com o sancionamento da Lei Federal nº



16.025 em maio de 2016, a qual fixa metas e estratégias para o período de 2016 a 2024, na área da educação, a serem viabilizadas pelo Estado e pelos seus municípios, em colaboração com a União, guardando conformidade com o Plano Nacional de Educação (PNE) e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. O processo de tramitação do Plano Estadual de Educação (PEE) passou por uma série de disputas e mudanças a partir do contexto conservador que vinha ganhando, politicamente, cada vez mais cena. O plano original trazia 4 metas e 8 estratégias que atendiam às demandas sobretudo das mulheres e da população LGBTQIAPN+, contudo, ainda que tenham sido os itens mais discutidos, estes foram posteriormente eliminados, graças a parlamentares conservadores e fundamentalistas ligados a grupos religiosos, sobretudo neopentecostais e católicos, que articularam a retirada de todos os termos que faziam referência a gênero e sexualidade e/ou rearranjaram tais termos, adaptando-os a uma visão moralista e conservadora.

O art. 3º, inciso XV, do PEE do Ceará é taxativo, afirmando que “Impede, sob quaisquer pretextos, a utilização de ideologia de gênero (Grifo nosso) na educação estadual”. Vale salientar que esta é a única menção a gênero em todo o documento – o termo, quando mencionado, é tido como uma ideologia, a qual, portanto, deve ser interdita. Dentre tantas recomendações presentes no mesmo artigo que iniciam com verbos propositivos, tais como promover, valorizar, garantir, priorizar, entre outros, apenas duas diretrizes se iniciam com verbos que constroem, que interditam, a saber: I, que cita a erradicação do analfabetismo; e XV, mencionado anteriormente, que impede a “ideologia de gênero” (Plano estadual de educação, 2016). Assim, no Plano Estadual de Educação do Ceará em vigor, gênero é equiparado a analfabetismo e, por isso, deve ser combatido, para além disso, é apresentado sob a falácia da “ideologia de gênero”, entendido como um elemento doutrinador.

Esse aspecto também é abordado desde as eleições de 2018, quando o então candidato Jair Bolsonaro, conservador, “pró-vida” e “pró-família”, como ele mesmo se nomeia, teve como carro chefe de sua campanha a veiculação de notícias inverídicas em redes sociais como o WhatsApp, Twitter e Facebook sobre temas como “kit gay” e “ideologia de gênero”, objetivando causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da “família tradicional brasileira”. “O que elegeu Bolsonaro não foram os militares, foi a ideologia”, diz Damares Alves, ex-ministra dos Direitos Humanos, da Família e da Mulher em entrevista a Renan Barbosa (Gazeta do povo, 2019). Já eleito, em seu próprio discurso de posse diante do Congresso Nacional, Bolsonaro pronuncia: “Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando os nossos valores” (Uol, 2019). Esse discurso atravessou os quatro anos de governo Bolsonaro, marcadamente antigênero, com um projeto conservador-bolsonarista para a educação brasileira. E ele o levou também para as eleições de 2022 (Miguel, 2021; Dias *et al*, 2018; Schibelinks, 2020).

O uso da “ideologia de gênero” traz para a cena enunciativa posições tradicionais, neoconservadoras, reacionárias e até fundamentalistas em relação às expressões de gênero. O movimento antigênero surgiu filiado a grupos religiosos, que saíram em defesa da “família e do bem-estar das crianças” em contraponto aos avanços dos movimentos LGBTQIAPN+ e feminista. O termo ideologia de gênero ganhou maior notoriedade durante o ano de 2018, funcionando como uma estratégia retórica conservadora de crescente importância no ataque aos direitos LGBTQIAPN+, às agendas feministas e à investigação que desconstrói pressupostos essencialistas e naturalistas sobre gênero e sexualidade (Garraio; Toldy, 2020).

Esta agenda antigênero atravessou os territórios escolares e acabou por se constituir como processos de subjetivação presentes no território escolar, articulada à máquina de disciplinamento dos corpos, aliada a questões religiosas, mesmo em escolas laicas. Essa realidade denota questões micro e macropolíticas do contexto sociopolítico retratado, validando



e produzindo múltiplas existências nesse cenário. Diante disso, interessa-nos aqui pensar como esta política antigênero, traduzida muitas vezes na difusão de um suposto “kit gay”, do “banheiro unissex”, do discurso “pró-família”, dentre outras narrativas da extrema direita, chegam ao cotidiano escolar em uma pesquisa realizada por estudantes do Ensino Médio de uma escola periférica de Fortaleza/CE.

Na presente pesquisa aqui evocada, a escrevivência surge como ponto central. O conceito de escrevivência é fruto da associação das palavras “escrever” e “viver” e tem, em sua concepção inicial, o ato de escrita de mulheres negras como possibilidade de escrita que joga com os modos de subjetivação de quem as escreve. Trata-se de uma escrita que nasce da vida, das lembranças, das experiências, todas entrelaçadas à ficção. Baseado no conceito da escritora Conceição Evaristo (2020), a escrevivência tem um caráter ético-estético-político de engajamento antirracista e descolonial que, em primazia, denuncia a condição feminina e afrodiáspórica. A escrevivência como ferramenta para investigações teórico-metodológicas têm se fortalecido principalmente por discussões de pesquisadoras/es da literatura afro-brasileira. Como apontam Soares e Machado (2017), no campo da Psicologia, a escrevivência tem sido utilizada principalmente no contexto da Psicologia Social, tanto como método de investigação, sendo analisados os escritos que envolvem o uso dessa ferramenta, quanto como recurso metodológico de escrita, sendo a própria construção do texto feita de forma escreviente. A afiliação com a escrevivência enquanto dispositivo emerge pelo seu potencial de criar um campo enunciativo e denunciativo mais inventivo, que escapa da norma hegemônica.

Junto a essa implicação sensível, na presente pesquisa, o processo artístico surge nessa trama, também, enquanto ato de criação e experimentação corporal, evocando, a partir da dimensão ético-estética, os aspectos disruptivos da não conformidade com o estabelecido. Tal qual enuncia Guattari (1992), a partir do seu novo paradigma estético, é evidente que a arte não detém o monopólio da criação, mas ela leva a radicalização da capacidade de invenção de coordenadas mutantes, de engendramento de qualidades de ser inéditas, jamais vistas, jamais pensadas (Guattari, 1992, p. 135).

Assim, a arte emerge como possibilidade de transgressão e ruptura à lógica colonial nas corporeidades enunciadas acima, surgindo como dispositivo central dessa experimentação na perspectiva que Deleuze e Parnet (2004) sustentam, ancorando a criação à resistência. Além disso, surge ainda como estratégia-ferramenta de sobrevivência ancestral, possibilitando à vida pulsar, como um instrumento nesse confronto estrutural às amarras de dominação sistemáticas, orientadas por um outro senso ético-estético-político. Ademais, a afiliação com a arte enquanto dispositivo emerge pelo seu potencial de criar um campo enunciativo mais inventivo, que escape da norma hegemônica. Segundo Laranjeira *et al* (2018), a mediação criativa com a arte potencializa o encontro com o outro e a multiplicação de imaginações emancipatórias e contestatórias, numa tentativa de superação de situações de exclusão e violências. Nesse sentido, consideramos a escrevivência também em sua potência artística.

Entendemos a arte como recurso simbólico de resistência cultural que possibilita transformações sociais, dessa forma ela se mostrou necessária para pensar sobre as potências de vida em meio a um cenário necropolítico (Mbembe, 2018). Há a proposição de uma experimentação, um movimento, uma gira, rumo a uma Psicologia implicada com as questões do contemporâneo, compromissada com a afirmação da vida, a qual busca a interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação social (Aguiar; Rocha, 2007). Trata-se de produzir, assim, uma investigação que permita o encontro com o campo, vivendo suas intensidades, seus afetos, suas ressonâncias, seus estranhamentos e suas potencialidades.

Assim, a concepção deste artigo parte de análise pós-estruturalista, com sensibilidade analítica da Interseccionalidade, aliançada a perspectivas epistemológicas contracoloniais e decoloniais, e apoia-se em teóricas/os que discutem escola, gênero, escrevivência, juventudes



e arte. Realizamos uma pesquisa-inter(in)venção com estudantes bolsistas e voluntários do Programa de Iniciação Científica do Ensino Médio do CNPq (PIBIC-EM) em uma escola pública do Grande Bom Jardim (GBJ). O cerne deste artigo inicia-se no encontro entre um projeto ligado à Pró-reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará (UFC), intitulado Artes Insurgentes, e o coletivo Female Power.

A pesquisa foi feita sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todes estão implicados (Passos; Barros, 2017). Desse modo, evidenciando o fazer COM, as escrevivências que compuseram esse processo foram feitas de forma coletiva. Apostamos em uma produção de conhecimentos que se dá no território da escola, em que os estudantes pesquisam sobre seu cotidiano escolar. Com uma visão que amplia concepções, o corpo abjeto transborda e pode ser também, afirmar-se como construção que pode surgir enquanto potência, quando costura, em suas performances, a possibilidade de rearticulação subversiva da norma cis-hétero-branca-binária-colonial-patriarcal e das identidades instituídas por sua possibilidade de questionar a matriz cultural de raça, gênero, sexualidade e classe. Teceremos, de tal modo, um artigo com problematizações que abordam a disputa antigênero e suas formas de resistências micropolíticas, a fim de analisar campos de forças envolvidos entre as relações subjetivas e a escola que habitamos. Este estudo contribui com um olhar crítico para as práticas que operam nessa lógica colonialista e violenta e preza pelo respeito à diferença de gênero no contexto educacional. Dessa forma, o presente artigo objetiva discutir uma experiência de pesquisa sobre gênero e escola realizada COM estudantes de uma escola da periferia de Fortaleza/CE.

## **2 Processos Metodológicos**

### **2.1 Tipo de pesquisa**

O presente relato deriva de uma pesquisa de cunho qualitativo orientada pela perspectiva da Pesquisa-inter(in)venção e do PesquisarCOM. Essas reescrituras marcam o seu caráter inventivo, tanto por se aliar com a arte em seu potencial criativo, quanto por constituir-se como prática micropolítica de invenção de mundos outros. Trata-se de inserir a invenção como ponto central na forma de pesquisar da Pesquisa-Intervenção, já consolidada no campo da Psicologia (Costa; Barros, 2020; Menezes *et al*, 2018). O éthos teórico-metodológico da Pesquisa-inter(in)venção é crucial nessa narrativa, entendendo a inseparabilidade entre pesquisar e intervir e compreendendo os secundaristas enquanto copesquisadoras/es de seus cotidianos escolares. A pesquisa acontece no encontro de pesquisadores-universitários e pesquisadores-secundaristas com o campo, através do recurso do PIBIC-EM, do qual 2 secundaristas eram bolsistas e 2 atuaram como voluntárias. O PIBIC-EM foi escolhido como estratégia para viabilizar o pesquisar COM, prezando por um incentivo de produção e pesquisa ancorado no diálogo entre Ensino Superior e Ensino Médio.

Nesta investigação, os sujeitos da pesquisa encontram-se na posição de copesquisadoras/es do seu microcosmo escolar. Desse modo, inspiradas nas pistas de Moraes (2014), estamos propondo um pesquisarCOM, que entende: o outro como um sujeito agente da pesquisa e não como objeto passivo de nossas ações; os desvios da investigação como analisadores importantes que podem anunciar novas e interessantes versões de mundo; e, por fim, o pesquisar e o intervir como inseparáveis, entendendo o próprio ato de pesquisa como ação, ou seja, pesquisar “é performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las” (Moraes, 2014, p. 132). A fim de analisar o envolvimento do pesquisador com seu trabalho, Lourau (2004) desenvolveu o conceito de implicação,



pretendendo questionar a neutralidade, pois, se “sua intervenção modifica o objeto de estudo, transforma-o” (Lourau, 2004, p. 82). Além disso, a própria escrevivência aciona um direcionamento para nossas implicações, apostando em um ethos de uma pesquisa encarnada pelos modos de subjetivação de quem a constrói. Portanto, nossa implicação encarna na pesquisa e potencializa a investigação, apostando no acompanhamento das processualidades que acontecem no cotidiano de uma escola. Analisar essas linhas foi mergulhar no plano experiencial do cotidiano em que são tecidas, atentando-se para as forças que incidem nesse cotidiano, promovendo zonas de inquietações e desestabilizações em territórios cristalizados e investindo em processos de vida.

## 2.2 Local e participantes

Para iniciar este artigo, é preciso falar das implicações que surgiram a partir do contato com escolas públicas de Ensino Médio do município de Fortaleza, localizadas na região do Grande Bom Jardim, através de um projeto intitulado Artes Insurgentes, ligado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Ceará. Esse projeto objetiva construir coletivamente práticas de resistência e potencializar a arte e a cultura produzida por coletivos juvenis das periferias, tendo como dispositivo metodológico oficinas formativas em artes em escolas e ações na região.

Essa aproximação se deu com uma inserção continuada desde 2021, no Festival das Juventudes, evento promovido pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), que tem como um dos eixos de atuação o coletivo Jovens Agentes de Paz (JAP), responsável pela construção e manutenção deste evento, que acolhe estudantes de distintas escolas do território anualmente, para realização de atividades de discussão e formação numa proposição de luta pelos direitos e pela vida através da arte e da coletividade. Estar no espaço do festival como um grupo que trabalha a partir da Psicologia de maneira sensível e implicada produziu uma convocação que nos levou à inserção na escola em que essa narrativa se desenrola.

A entrada nesse território escolar chega através de um pedido de manejo e acolhimento diante de uma situação de assédio entre pares, a partir da omissão inicial da gestão escolar no caso. Nesse entrave, um grupo de estudantes, composto majoritariamente por mulheres, organizou uma manifestação lutando contra esse episódio de assédio e exigindo justiça, reparação e expulsão do jovem estudante. A partir dessa primeira manifestação, fomos chamadas ao colégio e iniciamos uma série de encontros com as estudantes, na tentativa de entender e de mediar a situação com um olhar cuidadoso e ético. Estes encontros acabaram criando um coletivo de luta e articulação composto pelas estudantes, chamado Female Power, que pensa ações envolvendo gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

Estar nesse espaço nos afetou e fez pensar nas existências que ali habitavam, nos dispositivos de poder e controle que repercutiam sobre esses corpos tidos como fora de uma norma e nas possibilidades de (re)existência que ali puderam fluir. Por esse motivo, nossa aproximação pontual transformou-se em uma permanência que vibrou com o território escolar, direcionando-nos a tensionar ali as questões envolvendo gênero e a vivência estudantil, através da proposição de uma pesquisa que se deu olho no olho, na aposta ancorada na escrevivência como modo de narrar sobre as experiências com o corpo, junto a um fazer ciência COM alunes dessa instituição.

A pesquisa foi coletivamente construída em uma escola pública do Grande Bom Jardim (GBJ), região periférica de Fortaleza/CE caracterizada por disputas e contrastes, ao passo que é assolada por altas taxas de violência policial e altas taxas de letalidade das juventudes. Contudo, mesmo em face dessa realidade, o GBJ é também uma região com histórico de luta e resistência, destacando-se como território vivo e articulado na produção de modos possíveis de



vida com a existência de vários coletivos artísticos juvenis que pautam seu histórico de luta e produção através da arte, da defesa de direitos, da formação e da coletividade.

O processo de investigação ocorreu em uma Escola de Ensino Médio do GBJ, na fronteira entre Fortaleza/CE e Maracanaú/CE, uma escola que surge por mobilização da comunidade, que não tinha, nas proximidades, como continuar o percurso de estudos. Desse modo, a escola que foi campo de pesquisa e habitação torna-se a possibilidade de fuga de um contexto precarizado. Em 2023, havia 1.311 estudantes matriculados, sendo 9 turmas de primeira série (1º ano), 9 turmas de segunda série (2º ano) e 8 turmas de terceira série (3º ano).

Ao longo de um ano de investigação, em idas semanais à escola, com encontros que duravam cerca de duas a três horas, compuseram a equipe oito pessoas: uma estudante de pós-graduação em Psicologia, mulher CIS, LGBTQ+ e negra; três estudantes de graduação, sendo elas uma bolsista PIBIC, mulher CIS, LGBTQ+ e negra, uma bolsista do Programa de Extensão, mulher CIS, LGBTQ+ e branca, e outra bolsista do Programa de Promoção de Cultura Artística da XXX, mulher CIS, LGBTQ+ e branca, todas da Psicologia; e quatro estudantes da escola em questão, todos moradores da comunidade, sendo dois deles bolsistas PIBIC-EM<sup>5</sup>, um homem CIS, LGBTQ+ e negro, e uma mulher CIS, LGBTQ+ e branca, e dois voluntários, duas mulheres CIS, LGBTQ+ e negras. Não havia papéis diferentes no desenvolvimento da pesquisa, desde a estudante de pós-graduação ao estudante secundarista, todos construíram a pesquisa. Tínhamos nossas singularidades e especificidades, vínhamos de territórios diferentes e ocupávamos lugares distintos, mas, de alguma forma, éramos marcados pelas estruturas de poder, fosse de gênero, fosse de sexualidade, fosse de raça, e celebrávamos as diferenças.

### 2.3 Procedimentos metodológicos

Nesta pesquisa-inter(in)venção, entende-se o dispositivo conforme Lourau (1993), como um conceito-ferramenta de análise. É a partir do dispositivo que se põe algo em funcionamento e se criam situações que articulam elementos heterogêneos, acionando modos de funcionamento que produzirão certos efeitos. Desse modo, operacionalizamos a pesquisa por meio de dois principais dispositivos metodológicos: 1) Diários-escrevíveis, produzidos por todos aqueles que compuseram o grupo de pesquisadoras/es e que narravam questões ligadas a gênero e à sexualidade na vivência escolar; 2) Oficinas artísticas: CURA(DOR)IA, resultado das produções artísticas oriundas da culminância da pesquisa. Para este artigo específico, aprofundar-nos-emos somente no dispositivo metodológico 1.

Os diários-escrevíveis funcionaram como elaboração e atuação do/para/com o campo, pois, à medida que dialogamos com esses diários, construímos relatos, dúvidas, impressões e, assim, fomos produzindo a pesquisa (Medrado *et al.*, 2014). Esses registros acabaram potencializando o encontro com o campo, permitindo experimentar uma linguagem outra, pois, nestes diários não havia somente palavras, mas também desenhos, rabiscos, pinturas, imagens, diversas materialidades artísticas que se (entre)cruzam. Materializar no diário a experiência da pesquisa rompe com a simples descrição ou o relato de acontecimentos, mas o torna ator/atuante que permite conjugação de fluxos de agenciamentos coletivos. Os diários-escrevíveis foram produzidos pelo grupo de pesquisadoras/es, cada linha que passa pela folha, cada folha de papel junta, cada capa ou contracapa, todas foram feitas por nossas mãos. Optamos por fazer um diário artesanal devido a ir ao encontro da proposta da pesquisa, isto é, construir, de forma

---

<sup>5</sup> O PIBIC-EM é um programa de educação científica que visa à integração de secundaristas das escolas públicas de Ensino Médio do ensino regular, escolas militares, escolas técnicas e escolas privadas de aplicação com instituições de ensino e pesquisa, como Universidades, Institutos de Pesquisa e Institutos Tecnológicos, através do fomento de bolsas de Iniciação Científica Júnior concedidas pelo CNPq.



artesanal, os nossos diários-escrevíveis para podermos falar de nós. Tecer as linhas do papel foi um movimento concreto, físico e corporal da escrevivência. Nós rasgamos o papel com a linha, rasgamos uma história que talvez não contasse de nós, reivindicamos as nossas histórias. Cada participante do grupo tinha o seu diário-escrevível, tendo sido, portanto, ao todo, 8 produzidos. Estes continham palavras, desenhos, recortes, pinturas. Além disso, eram de uso individual e coletivo, já que por vezes experimentamos a escrita no diário do outro.

Compuseram a análise deste artigo tanto os diários-escrevíveis, quanto as transcrições dos encontros de pesquisa e das experimentações artísticas. Esse mapa de análise construiu analisadores, entendendo analisador como “aquele ou aquilo que provoca análise, quebra, separação, explicitação dos elementos de dada realidade institucional” (Rossi; Passos, 2014, p. 173).

## 2.4 Considerações éticas

A atitude po(ética) desta pesquisa reside em respeitar as vozes que escutamos ou lemos e honrar as trajetórias das que aqui nos confiam suas histórias e seus escritos. É nosso interesse contribuir com as forças que se erguem contra as históricas formas de opressão e violência que sofrem os corpos dissidentes e negres, bem como, coletivamente, com a criação de espaços de criatividade e potência, em ressonância às já existentes expressões de resistências experimentadas por esses corpos. Por fim, quanto a questões normativas, ressaltamos que a pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Cartografia de práticas culturais periféricas do cotidiano de coletivos juvenis na cidade de Fortaleza, sob o parecer 4.470.814, com o objetivo de manter a privacidade e o anonimato dos participantes da pesquisa, todos os nomes das/dos secundaristas utilizados são fictícios.

## 3 Resultados e discussões

Nesta seção, serão trazidas cenas analisadoras em consonância com a proposta de análise de implicação e de analisador, conceitos desenvolvidos por Lourau (2004), tratando não apenas da relação escola-gênero, mas também da nossa implicação enquanto pesquisadoras/es naquele território. Para isso, utilizamos a interseccionalidade como ferramenta teórico-metodológica para pensar as análises, ao entender os corpos que compuseram essa pesquisa como corpos atravessados por distintas constituições corpóreas, seja de raça, seja de sexualidade, seja de território, seja de gênero, influido de maneira singular em cada percepção e vivência deste processo. Para Akotirene (2019), a interseccionalidade é um instrumento teórico-metodológico advindo das discussões do feminismo negro que compreende a inseparabilidade estrutural entre o racismo, o capitalismo e o cisheteropatriarcado na produção de avenidas identitárias. Surge como lente crucial para pensar as articulações entre colocações corporais distintas neste trajeto de pesquisa ao entendermos três cenas destacadas para este artigo como cenas compostas por agentes com olhares, marcas e desejos atravessados por identidades distintas e articuladas interseccionalmente, em sua produção e elaboração coletivas a partir do encontro.

### 3.1 Cena 1: Da (auto)censura ao truque para a discussão de gênero na escola

Conforme visto na introdução, o uso do termo ideologia de gênero, seja no Plano Estadual de Educação do Ceará (PEE), seja no curso do governo bolsonarista, traz para a cena enunciativa posições tradicionais, reacionárias e até fundamentalistas em relação às expressões de gênero. Essa realidade se colocou para nós desde a escrita do projeto, paradoxalmente sendo



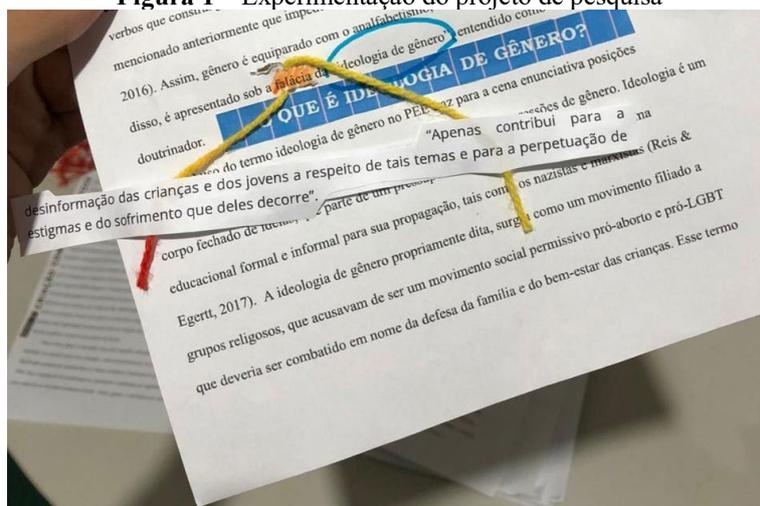
uma pesquisa que tinha como propósito discutir sobre as experiências que envolviam questões de gênero no território educacional. O medo habitava em nós, e era preciso criar estratégias para viabilizar a pesquisa na escola. Resistimos através do truque, retirando todas as menções ao termo gênero e mascarando, textualmente, nosso foco. Esses tensionamentos transbordaram em um dos encontros de preparação para a escrita do projeto:

(...) Porque essa discussão da ideologia de gênero e ter que tirar (Inaudível) a gente conversou sobre isso no grupo, mas a gente no projeto precisou tirar a palavra gênero, precisou esconder, precisou... Mas é muito essa sensação de que, assim, a gente tá sendo observado, que a gente precisa andar na linha, que, qualquer passo em falso, a gente vai ser cortado, e, enfim, é muito essa sensação de estar sendo observado o tempo todo e que a gente não pode ser, sabe? A gente não pode estar, a gente não pode falar sobre isso. É como se a gente não pudesse sequer existir (Transcrição do encontro da pesquisa 28/10/2022).

Na revisão para o edital para o PIBIC-EM, resolvemos, por medo de não sermos aceitos, retirar ou substituir todas as menções a gênero, sendo importante destacar que não foi uma condição dada pela escola ou pela instituição universitária, mas um medo que habitava em nós, em tempos de perseguição à educação pública. Nós do coletivo Artes Insurgentes tínhamos uma tarefa, tirar todas as menções a gênero que houvesse nesse projeto – em 11 páginas, havia 38 vezes a palavra “gênero”, e estas tinham que ser retiradas. Transformamos a (auto)censura num truque, expressão que as travestis e transexuais usam ao nomear formas de encontrar soluções inusitadas para os problemas, similar a expressão “se virar”, “dar um jeitinho”. Além disso, pode significar também enganar, enrolar para sair de alguma situação (Sander, 2015). Esse fato surge como contextualização da disputa em que a proposição de uma pesquisa que investigue as questões de gênero na escola está inserida, e não queríamos correr o risco de sermos barradas. Esta pesquisa, desde sua germinação, esteve inserida nessa guerra.

Após a aprovação com a possibilidade de bolsistas PIBIC-EM, decidimos nos voltar para o processo da pesquisa. Agora, sem (auto)censura, este entrar e sair do “gênero” foi escrito na forma de colagem nos diários:

**Figura 1** – Experimentação do projeto de pesquisa



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Em nossas primeiras pisadas no território da escola, durante a seleção dos bolsistas PIBIC-EM, fomos mais uma vez invadidas pela mesma interdição. Um dos candidatos à bolsa

disse que procurou a pesquisa para entender o outro lado da "ideologia de gênero". Estaríamos identificadas com algo que queríamos deliberadamente nos afastar?

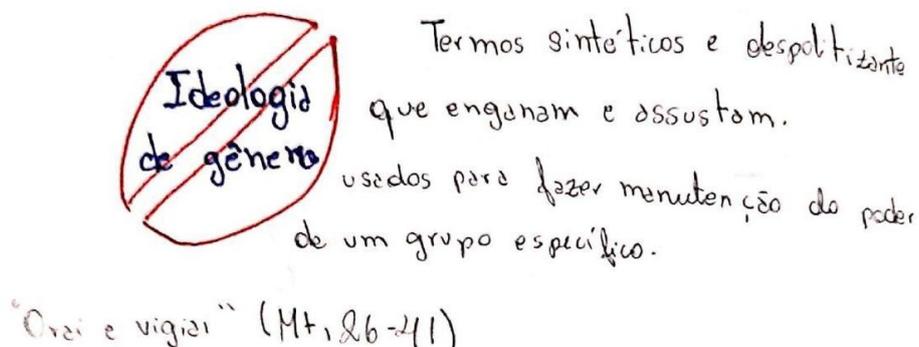
Estávamos nos conhecendo, era a vez de Luandi, ele se apresenta como Luandi, sou cristão, mas me afastei da igreja, não sei qual minha sexualidade, estou muito confuso, e vim aqui para entender os dois lados, o de vocês da ideologia de gênero, o da igreja eu já sei, agora eu quero saber o de vocês (Trecho do diário-escreviente, 21/10/2022).

Nossa pesquisa se iniciou no segundo semestre de 2022, ano este de eleições presidenciais, emoldurando, assim, uma efervescência que caracterizou esse período de disputa e que, por consequência, repercutiu na nossa pesquisa. A disputa aqui demarcada ia para muito além da figura de um candidato X ou Y, sendo, de outro modo, muito mais uma tentativa de arranjar formas de sobreviver. Os 4 anos anteriores à votação em questão foram marcados por lógicas de extermínio, sucateamento e exclusão que atualizam as lógicas coloniais notadamente marcadas em nosso mapa. Sob essa via, a perspectiva necropolítica de extermínio da diferença, como Mbembe (2018) coloca, é basilar para a expressão máxima de soberania do Estado, ditando quem pode viver e quem deve morrer.

Desse modo, era cotidiano abordarmos questões da política atual, desde fotos fazendo o "L" a menções à falaciosa "ideologia de gênero", junto a discussões sobre banheiro unissex, pedofilia e assédio, todas elas envolvendo os debates presidenciais. Isso se deu, sobretudo, pela temática de nossa investigação, que atravessava e era atravessada pelos noticiários como uma inquietação pulsante para os discursos das eleições. Quando Luandi chega e nos coloca na via que se ampararia na "ideologia de gênero", isso nos choca, pois não imaginávamos que, já em nossos primeiros encontros, trabalhar com a categoria gênero em um território educacional surgiria à primeira vista como uma lógica em consonância com a perspectiva da ideologia de gênero.

A construção estratégica conservadora dos últimos anos fez com que as discussões em torno da categoria gênero a partir de uma lógica de educação, representatividade, segurança e (re)existência acabassem sendo remetidas a um estrato distorcido que surge nas ideias da ideologia de gênero. Reis e Eggert (2017) dizem que uma aliança composta por evangélicos e católicos mais ortodoxos, junto a grupos conservadores que sustentam a dita família tradicional, se formou para disseminar informações distorcidas na tentativa de impedir que se alcançasse a equidade entre gêneros e o respeito à pluralidade. Há um extermínio, nesse discurso, de tudo aquilo que destoa, há uma cor, uma postura e um desejo rotulados nesse conservadorismo que prega a tradição. Isso é abordado na folha do diário-escreviente abaixo, após um encontro de formação de pesquisadoras/es em que discutimos sobre a palavra "gênero":

Figura 2 – Diário-escreviente



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Não por acaso, entre falas antigênero é recorrente o apelo à produção e disseminação de notícias e relatos falsos, escandalísticos e caluniosos. Em um dos encontros do grupo de pesquisa, nós solicitamos que cada participante buscasse conceitualizações de gênero e as trouxesse para o coletivo. Tínhamos como objetivo investigar as múltiplas definições desse termo. Uma simples busca à palavra gênero na ferramenta de busca Google já nos invadiu com essa interdição da ideologia de gênero, como Luandi abordou em um dos nossos primeiros encontros: “Depois a segunda tarefa foi pesquisar sobre o que é gênero e trazer pro coletivo, (...) Luandi não trouxe nada, mas diz que pesquisou e quando colocou gênero no google só apareceu NÃO A IDEOLOGIA DE GÊNERO” (Trecho do diário-escrivente, 18/11/2022).

Se, para Butler (2003), o corpo é uma construção em si mesmo. Aqui, esta relação se dá num corpo construído e pensado para o extermínio, na visão normatizadora em que o gênero é negado, que a heterossexualidade compulsória é sustentada e a cisgeneridade requerida. A manutenção do “discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal” (Butler, 2018, p. 23) nos mostra essa tentativa, diante de uma realidade algoritmizada, em que gênero quando “buscado”, é concreta e simbolicamente negado, conforme o resultado da ferramenta de busca de Luandi.

### **3.2 Cena 2: O banheiro unissex e a política de mortificação de (alguns) corpos.**

Esse modo de operar pode ser remetido a uma noção estrategista da hegemonia branca cisheteropatriarcal de ver a vida e de subjugar a diferença que pulsa nos corpos à margem. Abordamos isso em um de nossos encontros, como é possível ver no trecho a seguir:

Depois era pra ser Biliza, que esquece o diário, mas brevemente relata o que ela colocou neste, ela abordou sobre os banheiros unissex, que entrou como discussão em sua casa. Ela relata que escutou de pessoas dizendo que homens e pessoas trans iriam aproveitar o banheiro unissex pra violentar as mulheres e meninas, ela diz que discorda. Discutimos um pouco sobre essa questão, de como não é sobre a violência às mulheres, até porque as mulheres são violentadas diariamente em ônibus, nas ruas, nas escolas, em todos os lugares, e eles nunca levantaram qualquer discussão para nos defender, é sobre uma mortificação de corpos trans (Trecho do Diário-escrivente, 28/10).

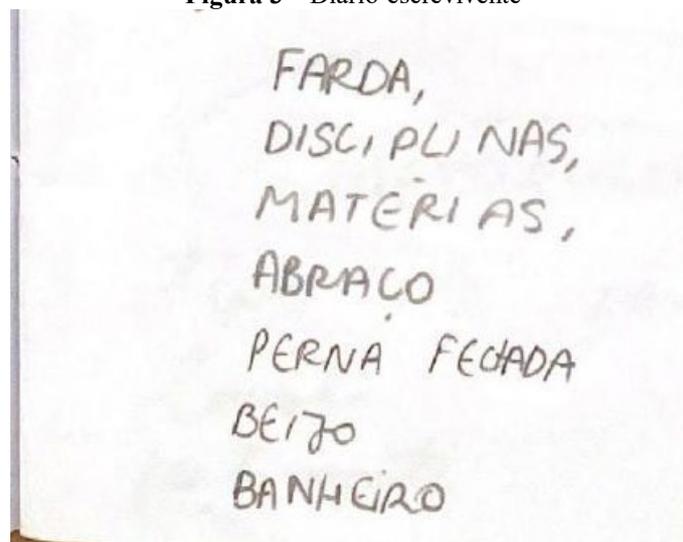
A discussão em torno dos banheiros unissex em contraponto ao banheiro masculino e feminino revela a divisão desses lugares pela lógica binária e cisheteronormativa, demarcando, por meio de imagens, palavras e símbolos, os territórios socialmente legitimados do masculino e do feminino, tendo como concepção fundante e falaciosa o universalismo do sujeito homem e do sujeito mulher. Butler (2003) afirma, em contraposição a essa visão, que o gênero é um artifício flutuante, em que homem e masculino podem, com a mesma facilidade, significar tanto um corpo feminino, quanto um masculino, assim como mulher e feminino podem referir-se tanto a um corpo masculino como a um feminino.

A violência é, nesse sentido, socialmente distribuída, operando um projeto de mundo que se dá pela política de extermínio e normalização (Mombaça, 2016). Nessa lógica, articulam-se vetores de gênero, sexualidade e raça, que numa análise interseccional, denotam o poder da norma cisheteropatriarcal e branca ao sustentar a violência para corpos considerados abjetos. Nesta justificativa de que os banheiros unissex aumentariam os assédios e as violências a mulheres, são colocadas as cis, as brancas, no campo da proteção, enquanto as trans podem e são violentadas. Um ato que deveria ser prosaico, como usar o banheiro, é, muitas vezes, uma situação absolutamente constrangedora a pessoas trans, especialmente àquelas com baixa passabilidade.



A organização dos banheiros funciona, nessa perspectiva, como uma tecnologia de gênero (Preciado, 2017a), isto é, um elemento de regulação da masculinidade e feminilidade com base na heterossexualidade compulsória. Segundo Preciado (2017b), o ato de entrar no banheiro binariamente demarcado valoriza mais o gênero do que as necessidades fisiológicas, enfatizando a expressão da sexualidade em detrimento dos atos de urinar e defecar, inerentes a todo ser humano. Essa lógica prioriza e se fundamenta por pautas neoconservadoras, que se dizem em prol da defesa de mulheres, mas que, no fim das contas, nunca estiveram alinhadas aos direitos femininos para TODAS as mulheres. A dita defesa que impera nesses discursos restringe-se às expressões de gênero dentro da norma binarista e acaba sustentando, nessa via, uma lógica que insiste no extermínio da dissidência. Fardas, disciplinas, matérias, abraço, perna fechada, beijo, são todos eles também tecnologias de gênero, conforme foi colocado por uma das pesquisadoras em seu diário:

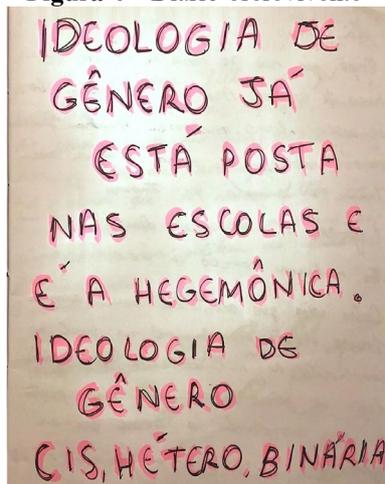
**Figura 3** – Diário-escreviente



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Para tanto, tais cruzamentos morais investem maciçamente na (re)naturalização das concepções de família, maternidade, parentesco, (hetero)sexualidade e diferença sexual, procurando, sob essa ótica, promover a restauração ou, mais propriamente, o *aggiornamento* do estatuto da ordem sexual tradicional e reforçar as disposições relativas às normas de gênero, à heterossexualidade obrigatória e à heteronormatividade. Numa perspectiva biologicista e violenta, essa lógica tenta, a todo custo, manter o domínio do discurso e da existência, deixando de lado as concepções abrangentes sobre as experiências plurais de gênero. Marafon (2018) afirma que a defesa da ideologia de gênero diz sobre práticas reguladoras que objetivam produzir identidades coerentes com uma matriz de normas compulsoriamente heterossexuais, figuradas na distinção entre “feminino” e “masculino”, atributos expressivos de “macho” e “fêmea”, respectivamente. Este aspecto foi escrito por uma das pesquisadoras em seu diário:

Figura 4 – Diário-escrevente

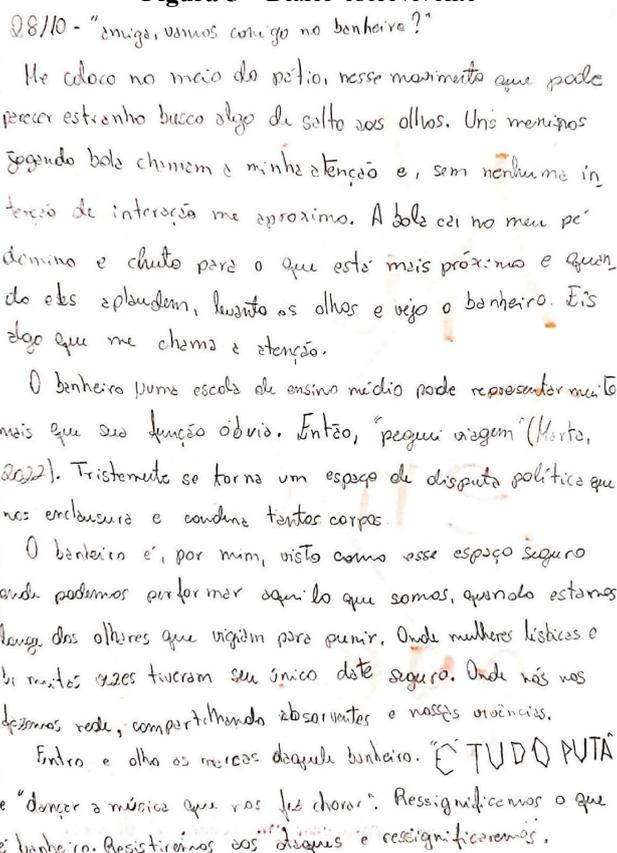


IDEOLOGIA DE  
GÊNERO JÁ  
ESTÁ POSTA  
NAS ESCOLAS E  
É A HEGEMÔNICA.  
IDEOLOGIA DE  
GÊNERO  
CIS, HÉTERO, BINÁRIA

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

No nosso primeiro encontro de formação de pesquisadoras/es, após a construção dos diários-escrevintes, decidimos fazer uma primeira experimentação de escrita no próprio cotidiano da escola. A ideia era caminhar, andar, passear, cartografar pela escola e buscar algo que chamasse a atenção, que convocasse a atenção e que tivesse alguma relação com a temática da pesquisa, e colocar, posteriormente, isso no diário-escrevente. Uma das pesquisadoras/es foi até o banheiro da escola e escreveu a cena “amiga, vamos comigo no banheiro?”, conforme está na imagem abaixo:

Figura 5 – Diário-escrevente



08/10 - "amiga, vamos comigo no banheiro?"  
He coloco no meio do pé, nesse momento que pode parecer estranho busco algo de salto aos olhos. Um menino jogando bola chamou a minha atenção e, sem nenhuma intenção de interação me aproxima. A bola cai no meu pé domino e chuto para o que está mais próximo e quando eles aplaudem, levanto os olhos e vejo o banheiro. Eis algo que me chama a atenção.  
O banheiro numa escola de ensino médio pode representar muito mais que sua função óbvia. Então, "peguei origem" (Morto, 2022). Tristemente se torna um espaço de disputa política que nos embusca e condene tentos corpos.  
O banheiro é, por mim, visto como esse espaço seguro onde podemos perder mar aquilo que somos, quando estamos longe dos olhos que vigiam para punir. Onde mulheres lésbicas e bi muitas vezes tiveram seu único date seguro. Onde nós nos fazemos rede, compartilhando observações e nossas vivências.  
Entra e olha os mercos daquele banheiro. É TUDO PUTA e "dançar a música que nos fez chorar". Resignificamos o que é banheiro. Resistiremos aos "lugares" e resignificaremos.

Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Me coloco no meio do pátio, nesse momento que pode parecer estranho busco algo de salte aos olhos. Uns meninos jogando bola chamam a minha atenção e, sem nenhuma intenção de interação me aproximo. A bola cai no meu pé domino e chuto para o que está mais próximo e quando eles aplaudem, levanto os olhos e vejo o banheiro. Eis algo que me chama a atenção.

O banheiro numa escola de ensino médio pode representar muito mais que sua função óbvia. Então, “peguei viagem” (...) Tristemente se torna um espaço de disputa política que nos enclausura e condena tantos corpos.

O banheiro é, por mim, visto como esse espaço seguro onde podemos performar aquilo que somos, quando estamos longe dos olhares que vigiam para punir. Onde mulheres lésbicas e bi muitas vezes tiveram seu único date seguro. Onde nós nos fazemos rede, compartilhando absorventes e nossas vivências.

Entro e olho as marcas daquele banheiro: “É TUDO PUTA” e “dançar a música que nos fez chorar”. Resignificamos o que é banheiro. Resistiremos aos ataques e resignificaremos (Legenda do diário-escrevivente acima, 28/10).

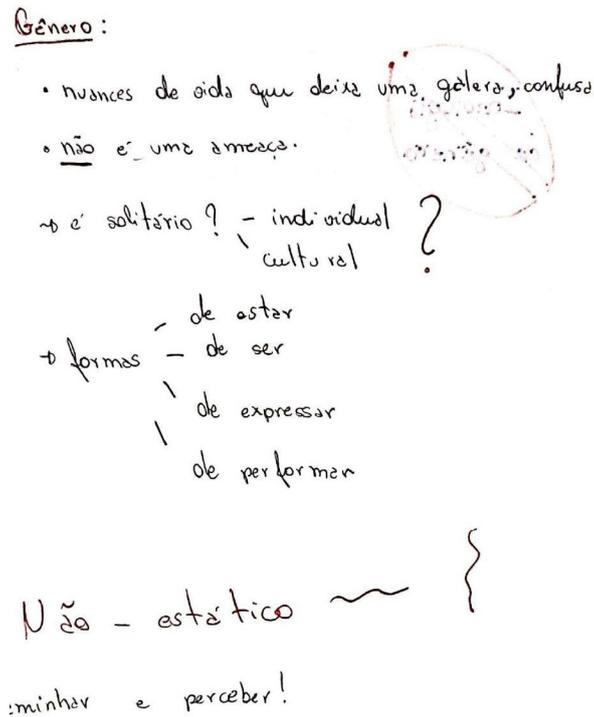
Se, por um lado, o banheiro é usado como pauta para o neoconservadorismo, restringindo até a última possibilidade seu uso nessa perspectiva de segregação e mortificação destes corpos, por outro lado, esse espaço pode ser também de encontro, segurança, fofocas e amores. Numa forma de radicalizar a função do local para muito além do que diz uma placa de identificação, o banheiro carrega consigo um simbólico do possível, do escape, do afeto, da expressão. São vistas pessoas entrando para chorar, marcam-se frases, xingamentos, palavras, pichações, na busca de um lugar reservado, de uma parede que transborda o que pulsa no peito. Ali é, também, o espaço dos múltiplos afetos, dos casais que querem fugir dos olhares que punem, das dores que não cabem no pátio da escola, dos anseios que vêm das casas de cada um e não encontram outro espaço, que não o de uma parede de concreto.

Justamente em uma via oposta a essa visão cristalizada, apostamos no gênero enquanto fenômeno inconstante e contextual, sendo um ponto de encontro entre conjuntos de relações cultural e historicamente convergentes (Butler, 2018). As lutas feministas principalmente da 1º e 2º onda ainda desenvolviam uma discussão crítica permeada por posições binárias, como: gênero/sexo; homens/mulheres; sujeito/outro. Mas e os corpos que não cabem nesses signos? Aqui se trabalha com gênero a partir de corpos femininos, feminilizados, afeminados, bichas, trans e travestis (Haraway, 2004). Recusamos uma categoria de gênero que se resume ao que é ser mulher, contaminada por um fundacionalismo biológico, binário e cis. Ao contrário, experimentamos nos desfazer dessa categoria de gênero cujo sujeito político e universal de luta automaticamente imaginamos ser uma mulher branca cis. Entendemos coletivamente gênero como multiplicidade, fluidez.



### 3.3 Cena 3: O PesquisarCOM gênero e a busca de uma escrevivência em nós

Figura 6 – Diário-escrevvente



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

A imagem acima é uma folha dos diários-escrevcentes de uma das pesquisadoras, após um dos nossos encontros de formação de pesquisadoras/es, em que levamos algumas conceitualizações a respeito da categoria “gênero”. Neste dia, discutimos a partir deles na perspectiva de provocar as noções estratificadas a despeito da temática, impulsionando, sim, a partir da experimentação artística, uma construção acerca do nosso entendimento sobre gênero, para muito além de uma falaciosa noção de ideologia neoconservadora. Interessava-nos pensar não somente o que é gênero, mas como se faz gênero na escola e, ainda, quais efeitos das relações de gênero no cotidiano escolar e, por consequência, nas experimentações com o corpo no campo de subjetivação da vida e das suas experiências. Corpos distintos, com marcas singulares de território, raça, gênero e sexualidade produziram esse momento e essa pesquisa como um todo. Construímos, de tal modo, um “gênero” que vai para muito além do que dizem que é para nós e sobre nós, experimentamos isso com o cartaz feito coletivamente, que trouxe marcas que articularam singularidades e visões de cada corpo ali presente acerca da percepção sobre gênero:

Figura 7 – Experimentação artística: O que/como é gênero pra nós?

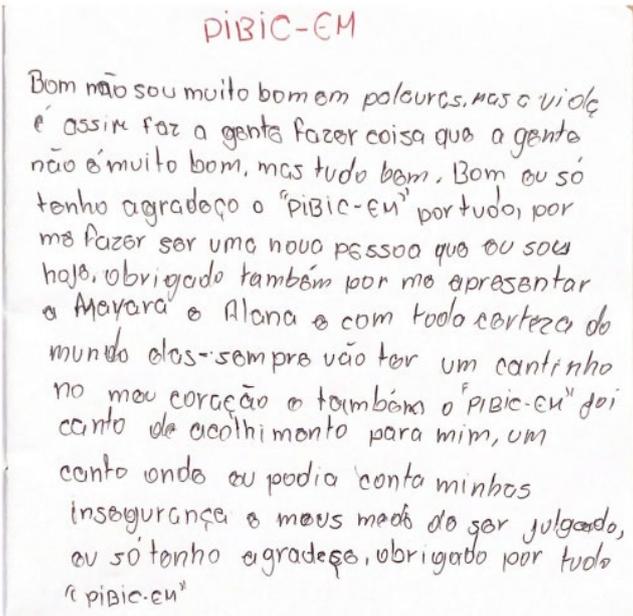


Fonte: Arquivo pessoal (2022).

Importante demarcar que todas as discussões ali tecidas extravasaram a ideia que se tem de pesquisa asséptica e neutra, à medida que os relatos que ali emergiram com relação às experiências de gênero de todas/os as/os pesquisadoras/es encontraram-se no corpo, nas violências e nas potências de existir frente às forças mortificantes já localizadas. Entoam a produção colagens com obras e fotografias de grandes mulheres, bem como escritas, que constituem frases como “na poesia, a pulsão do nome”, “expandir a verdade”, “mexeu com uma, mexeu com todas” e “eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca. é aquela que grita, que reivindica, que sempre fica de pé. no fim, eu sou essa mulher.”

Relacionando gênero e resistência e exercitando a imaginação e a capacidade de criar, o cuidado brota na partilha e no único de cada fala, de cada produção, de cada aperto no peito. A sensibilidade do acolhimento e da abertura ao encontro que a coletividade proporciona enquanto grupo radicalizou o fazer pesquisa conjuntamente nessa escola e fez surgir uma aliança, que dá pistas para inventar outros rumos para o contexto escolar e sua relação com a pluralidade. No último encontro do PIBIC-EM, pedimos para cada um escrever uma despedida em seus diários, a imagem abaixo é uma dessas despedidas, feita por uma das pesquisadoras/es secundaristas. “O PIBIC-EM foi canto de acolhimento para mim, um canto onde eu podia contar minhas inseguranças e meus medo de ser julgado, eu só tenho agradecer, obrigado por tudo PIBIC-EM”.

Figura 8 – Diário-escrevvente



PIBIC-EM

Bom não sou muito bom em palavras, mas a vida é assim faz a gente fazer coisa que a gente não é muito bom, mas tudo bom. Bom eu só tenho agradeço o "PIBIC-EM" por tudo, por me fazer ser uma nova pessoa que eu sou hoje, obrigado também por me apresentar a Mayara e Alana e com toda certeza do mundo elas sempre vão ter um cantinho no meu coração e também o "PIBIC-EM" do canto de acolhimento para mim, um canto onde eu podia contar minhas inseguranças e meus medos de ser julgado, eu só tenho agradeço, obrigado por tudo "PIBIC-EM"

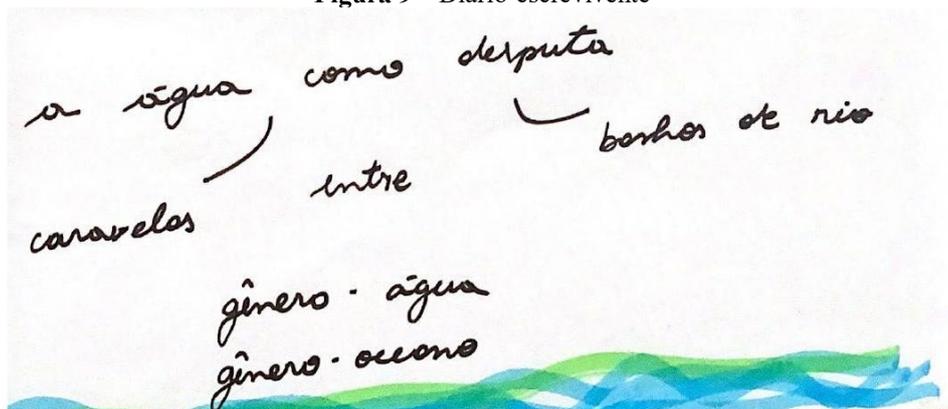
Fonte: Arquivo pessoal (2022).

#### 4 Considerações Finais

A problemática que se instaura com os movimentos antigênero na educação, embasados por uma tendência neoconservadora de categorização e extermínio dos corpos que diferem à norma, produz um cenário violento e preocupante que se estratifica a partir de uma base cisheteropatriarcal binarista atravessada por ideologias fascistas, racistas, neoliberais e coloniais. O conservadorismo dos últimos anos estrategiza-se pela distorção do corpo que encontra a experimentação com a vida em suas múltiplas formas, e cabe à discussão em torno dos atravessamentos de gênero na educação sustentar o desafio que se orienta numa perspectiva de integração e inclusão de todas/todes/todos neste território de ensino e subjetivação.

A construção desta pesquisa e as experiências que ela nos proporcionou trouxeram pistas para tal. É através da resistência, da arte e do encontro, que se pode apostar no fortalecimento e na criação de novas vidas, na invenção que irrompe regimes e muros e faz fluir a possibilidade do desejo de existência nas mais distintas corporeidades. É na defesa de uma educação democrática, política e inclusiva que as práticas contraideológicas podem sustentar-se e produzir um encontro com a diferença que se pulveriza no/do espaço formativo da escola e se expande para muito além dela. Afinal, a mesma escola em que o discurso antigênero emerge através da falácia da "ideologia de gênero" é aquela que também apoia a pesquisa, tornando possíveis insurgências artísticas em que gêneros são performados. Fica para nós a aposta no gênero como um campo água, que é, concomitantemente, marcado não só pela disputa e violência das ondas e correntezas, através da clausura nas caravelas e nos navios, mas também pela fluidez e sensibilidade que estes movimentos díspares, caóticos e únicos da água permitem.

Figura 9 – Diário-escrevvente



Fonte: Arquivo pessoal (2022).

## Referências

AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa Intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Erica Atem Gonçalves de Araújo.; BARROS, João Paulo Pereira. Intergeneracionalidades em análise: (re)composições ético-estético-políticas em pesquisas-inter(in)venções com crianças e adultos. **Revista Desidades**, n. 28, p. 127-139, 2020.

DELEUZE, Gilles.; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2004.

DIAS, Tainah Biela *et al.* "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". **Revista Eletrônica Correlatio** v. 17, n. 2. 2018.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

GARRAIO, Julia.; TOLDY, Teresa. Ideologia de gênero: origem e disseminação de um discurso antifeminista. **Mandrágora**, v. 26, n. 1, 2020, p. 129-155.

GAZETA DO POVO. "O que elegeu Bolsonaro não foram os militares, foi a ideologia", diz Damares Alves. (2019). Entrevista a Renan Barbosa. **Gazeta do Povo**, edição online, 8 de

Revista Estudos Aplicados em Educação | v. 9 | e20249573 | jan.-dec. | 2024. <https://doi.org/10.13037/reae.vol9.e20249573>



Copyright: © 2024, the authors. Licensed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0) (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>).

março de 2019 [<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/o-que-elegeu-bolsonaronao-foram-os-militares-foi-a-ideologia-diz-damares-alves-ejfy1vv5750qqlxhudj636c6d/>]

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma ético-estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HARAWAY, Donna Jeanne. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n.22. Campinas: Unicamp. 2004.

LARANJEIRA, Denise *et al.* Arte como política de resistência: dispositivos cartográficos na apreensão de práticas culturais juvenis em uma cidade do Nordeste do Brasil. **Etnográfica**, v. 22, n. 2, p. 427-452, 2018.

LOURAU, René. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

LOURAU, René. Objeto e método da análise institucional. In: ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau: analista institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, p. 66-86, 2004.

MARAFON, Giovanna. Análises críticas para desmontar o termo "ideologia de gênero". **Arq. bras. psicol.**, v. 70, n. spe, p. 117-131, 2018.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIRANDA, L. L. Subjetividade: A (Des)construção de um Conceito. In: SOLANGE JOBIM; SOUZA. (Org.). **Subjetividade em Questão: A Infância como Crítica da Cultura**. 2ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2005, v. 1, p. 29-46.

MEDRADO, Benedito *et al.* Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: SPINK, Mary Jane Paris; BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano; CORDEIRO, Mariana Prioli (Org.) **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 274-294.

MENEZES, Jaileila de Araújo *et al.* Implicações Políticas na Pesquisa-Intervenção com Jovens. **Revista de Psicologia**, v. 9 n. 1, p. 8-17, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. O mito da "ideologia de gênero" no discurso da extrema direita brasileira. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 62, p. e216216, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo à uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. São Paulo: Fundação Bial (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva) e OIP – oficina imaginação política, 2016.

MORAES, Marcia. Do pesquisarCOM ou de Tecer e Destecer fronteiras. In: BERNARDES, Anita Guazzelli; TAVARES, Gilead Marchezi; MORAES, Marcia. (Org.). **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: EDUFES, 2014.



PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. **Pistas do Método da Cartografia: A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Diário Oficial do Estado**. Lei Estadual No16.025, 30/05/2016, Ceará. 2016.

PRECIADO, Paul B. Basura y género. Mear/cagar, masculino/femenino. In: PRECIADO, Paul B. (Org.) **El museo apagado: pornografía, arquitectura, neoliberalismo y museos**. Buenos Aires: Malba, 2017a.

PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contrasexual: prácticas subversivas de identidad sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017b.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. IDEOLOGIA DE GÊNERO: UMA FALÁCIA CONSTRUÍDA SOBRE OS PLANOS DE EDUCAÇÃO BRASILEIROS. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 138, p. 09–26, jan. 2017.

ROSSI, André; PASSOS, Eduardo. **Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil**. Rio de Janeiro: Rev. Epos, 2014.

SANDER, Vanessa. **Entre manuais e truques: uma etnografia das redes do trabalho sexual entre travestis em Belo Horizonte**. 2015. 116 p. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, São Paulo, 2015.

SCHIBELINSKI, Diego. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 15–38, 2020.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, v. 17, n. 39, p. 203-219, 2017.

UOL. Bolsonaro fala em combater ideologia de gênero; veja íntegra do discurso. Uol Notícias. 01 de janeiro de 2019. [Bolsonaro fala em combater ideologia de gênero; veja íntegra do discurso - 01/01/2019 - **UOL Notícias**]. 2019.

